

# *O necessário aproveitamento da terminologia portuguesa no processo de standardização da língua galega: uma questão de metodologia*

*RUTE COSTA*

*Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa*

## **1. INTRODUÇÃO**

Foi-me lançado o desafio para reflectir sobre qual o uso a fazer da terminologia portuguesa para o desenvolvimento da padronização da língua galega. Neste sentido, proponho incidir a minha intervenção sobre as metodologias a desenvolver para a implementação de processos que permitem agir de forma concertada sobre a selecção das unidades terminológicas adequadas para as duas línguas e sobre, eventualmente, a criação de unidades terminológicas novas, mantendo as idiosincrasias inerentes a cada um os sistemas linguísticos.

## **2. O CASO DA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

As instituições que perfazem a Administração Pública têm uma responsabilidade inequívoca no que concerne a credibilização das entidades e demais agentes no quadro do sistema administrativo, sendo responsáveis pela disponibilização e difusão dos conceitos por si produzidos, assim como dos sistemas conceptuais em que estes se inserem. Estes conceitos só são passíveis de serem transmitidos com recurso à verbalização, sendo os termos as entidades linguísticas que os designam. Estas instituições devem assumir-se como entidades responsáveis pelo estabelecimento da correcta relação entre o conceito e o seu respectivo termo em língua portuguesa que, do ponto de vista da comunicação, deverá ser tida como referência para todos aqueles que necessitam fazer uso da língua em situação profissional especializada.

Desta feita, estas instituições desempenham a função de entidade reguladora para a utilização adequada dos sistemas conceptuais e terminológicos, facultando necessariamente os recursos terminológicos – versão papel e versão electrónica – apropriados à consecução de uma terminologia tendencialmente não ambígua e harmonizada, criando um espaço de fluxos de informação e de interacção entre os diversos actores socioprofissionais.

Para tal, é imprescindível que os recursos terminológicos disponibilizados sejam de qualidade, decorrentes de metodologias claramente identificadas que garantam uma harmonização resultante, preferencialmente, de consensos, permitindo aos vários grupos de utilizadores aceder à informação de forma confiante e fiável. Uma organização hierarquizada e sistematizada dos sistemas – conceptuais, terminológicos e informáticos – contribui para solucionar impasses e conflitos institucionais resultantes da não gestão de recursos terminológicos que têm reflexos negativos na comunicação. Todos nós sabemos, que um discurso involuntariamente ambíguo e desorganizado pode desacreditar uma instituição!

Um só termo para um só conceito é o ideal monorreferencial a que todo o trabalho de harmonização ascende, constituindo esta metodologia o pré-estágio de todo o trabalho normativo. Não existe nenhum *e-governo*, *e-formação*, *e-ensino*, *e-negócio* ou *e-comércio* que possa ser implementado com sucesso sem recorrer à organização estruturada e hierarquizada do conhecimento, para que o utilizador aceda à informação de maneira rápida e eficaz<sup>1</sup>. A organização das terminologias de acordo com os respectivos sistemas indica uma evidente delimitação cognitiva dos conceitos em uso, que permitem a construção de uma argumentação sólida tanto em contexto nacional como internacional.

A garantia do domínio adequado dos conceitos e respectivos termos em discurso reforça a autoridade destas instituições no que concerne a promoção da avaliação baseada em parâmetros claros, não ambíguos de um ponto de vista discursivo, conferindo um rigor indubitável ao sistema, aumentando a confiança do público no sistema, tendo por consequência a promoção da qualidade contribuindo para o melhoramento da imagem.

As terminologias são um instrumento fundamental de ajuda à preservação da língua, sendo os recursos terminológicos portadores de uma valor simbólico e cultural indiscutível. A conceptualização de recursos terminológicos, de ferramentas informáticas e a criação de bases de conhecimento são imprescindíveis para a sustentabilidade das línguas, para que em todas as situações de comunicação especializada se possa fazer um uso adequado de uma língua.

<sup>1</sup> A título de exemplo, consultar o Multilingual catalogue strategies for eCommerce and eBusiness, CEN/ISSS/ WS/eCAT – Final Version CWA 15045, July 2004.

### 3. QUE METODOLOGIAS PARA QUE FINS?

Geralmente, quando se desenvolve um trabalho em terminologia está-se a responder a uma necessidade social, política, económica ou social, frequentemente, resultante de uma encomenda, de um contrato, de um protocolo entre instituições. A primeira das nossas funções é questionar-nos sobre os fins a que se destina a terminologia que nos é solicitada. É nesse instante que começamos a discorrer sobre «como fazer» para corresponder adequadamente às necessidades da(s) classe(s) profissional(ais) a que se destinam as terminologias. A reflexão e a actuação do terminólogo têm de incidir sobre: i. a selecção dos termos; ii. a adequação dos termos aos objectivos; iii. a fonte dos termos; iv. o suporte informático em que devem ser armazenados os termos, assim como toda a informação relevante para o seu entendimento e para o seu uso adequado em discurso.

Em paralelo, temos de saber se a base de dados terminológica será monolíngue, bilingue ou plurilíngue. Somos de opinião que uma base de dados terminológica a ser disponibilizada na Internet deve ser por princípio bilingue ou plurilíngue, podendo no entanto ter como ponto de partida uma metodologia inerente ao monolíngue.

Partindo da premissa acima mencionada, o objectivo primeiro é, em nosso entender, delinear uma proposta de sistema conceptual que reflecta uma visão possível da organização do conhecimento, para uma comunidade linguística de especialidade. A construção desse sistema conceptual resulta, cada vez mais frequentemente, de uma metodologia mista, onomasiológica e semasiológica, que oscila entre a observação do extralinguístico e a análise do linguístico, ou seja, dos textos escritos e/ou orais que espelham o estado do conhecimento da comunidade em estudo.

Chegamos assim à sistematização do conhecimento de uma comunidade linguística de especialidade. Desde modo, estamos em condições para elaborar uma metodologia semelhante para a comunidade de especialidade que vive noutros contextos políticos, económicos, sociais e culturais e que faz uso de um outro sistema linguístico.

Findo este trabalho, é possível comparar sistemas conceptuais. Temos assim várias situações possíveis. Deparamo-nos com: i. sistemas conceptuais idênticos; ii. sistemas conceptuais parcialmente idênticos; iii. sistemas conceptuais divergentes. Estas três situações requerem abordagens metodológicas diversas, uma vez que todas elas têm consequências ao nível da selecção e/ou formação de unidades terminológicas. Podemos encontrar unidades terminológicas equivalentes nos dois sistemas linguísticos, como também é recorrente a não existência de equivalentes de unidades terminológicas. Nesta última situação, é necessário desenvolver metodologia que nos permitam para a língua em questão encontrar uma solução linguística.

Para tomar opções metodológicas adequadas é de maior relevância saber qual o sistema conceptual a privilegiar. Caso se trabalhe com os dois sistemas conceptuais em Portugal e na Galiza, dar-se-á um tratamento diferenciado aos dois sistemas, sendo que em Portugal, o objectivo será, geralmente, o de privilegiar o sistema conceptual português e na Galiza privilegiar o sistema galego.

#### 4. CONSTITUIÇÃO DE *CORPORA*

Pelo valor que os textos podem assumir no trabalho do terminólogo, é de inegável importância reflectir sobre os critérios para a constituição de *corpus*, assim como sobre o estatuto do texto que deve integrar um *corpus* de especialidade específico.

Nesta metodologia, a dificuldade está na qualidade do suporte, isto é, do texto científico. Para que um texto científico seja aceite pela comunidade de comunicação de especialistas a quem se dirige, é necessário que os outros elementos que constituem o grupo, o considerem. Os membros da comunidade auto-regulam os seus discursos, sendo eles os verdadeiros juizes da sua produção científica. O saber que o indivíduo detém sobre uma ciência consiste, na essência, no conhecimento e na capacidade de criação de discursos e de textos que poderão servir de referência a outros ou a futuros membros da comunidade científica.

O conceito de texto de especialidade é demasiadamente genérico e complexo de forma a permitir um tratamento uniforme de todas as ocorrências de textos produzidos no seio de uma mesma comunidade científica. Os públicos a quem se dirigem, a pluralidade das situações e o enquadramento espacio-temporal em que os diversos textos são produzidos e consumidos são tão divergentes, que se impõe a constituição de uma tipologia.

O recurso a grandes *corpora* fazem-nos reconsiderar as metodologias utilizadas para a extracção de termos, o tratamento da informação, assim como para a construção de ontologias e obrigam-nos a repensar as fronteiras entre as metodologias e as teorias que afinal parecem ser bem ténues. Na realidade, as opções metodológicas e teóricas estão directamente dependentes da necessidade social a que se pretende dar resposta.

Daí a importância de, em conjunto, elaborar metodologias para a constituição de *corpus* bilingues que devem resultar de reflexões sobre os conceitos de tipo, género, texto e discurso.

#### 5. CONCEPÇÃO DE BASE DE DADOS

A base de dados terminológica deve por um lado espelhar as relações semânticas e/ou conceptuais que caracterizam o domínio em estudo. A identificação das características resulta da observação que oportunamente se fez aos textos que perfazem o *corpus* de especialidade, devendo o público a quem se dirige a base de dados, aceder de forma eficaz às relações previamente reconhecidas e adequadamente armazenadas.

## 6. NOTAS CONCLUSIVAS

Estou convicta que optando por desenvolver uma cooperação ao nível das metodologias ser-nos-á possível ter um conhecimento mais aprofundado das áreas de saber em estudo, tanto em Portugal como na Galiza. Para se iniciar a descrição das unidades terminológicas nas duas línguas e optar por uma abordagem morfossintáctica contrastiva é mais eficaz, seguro e consistente trabalhar a partir de dados linguísticos resultantes de metodologias baseadas em opções teóricas claramente identificadas e partilhadas.

## REFERENCIAS

- Costa, Rute. 2006. «Pluralité des approches théoriques en terminologie» *LSP Symposium. Approaches to Terminological Theories. A contrastive Study of the State-of-the-Art*, IITF, Genève: Springer Verlag: [no prelo]
- Costa, Rute. 2006 Terminology, Corpus Linguistics and Ontologies», *Contrastive Studies and Valency / Kontrastive Studien und Valenz*, Studies in Honor of Hans Ulrich Boas / Festschrift für Hans Ulrich Boas. Steiner, Petra C. / Boas, Hans C. / Schierholz, Stefan J. (eds./Hrsg.). Frankfurt am Main, Berlin, Bern, Bruxelles, New York, Oxford, Wien: Peter Lang Frankfurt.
- Costa, Rute. 2005. « Corpus de spécialité : une question de types ou de genres de textes ou de discours ». *De la mesure dans les mots. Hommage à Philippe Thoiron*. Henri Béjoint et François Maniez (eds.). Lyon : Presses Universitaires de Lyon.